

Prêmio Jabuti

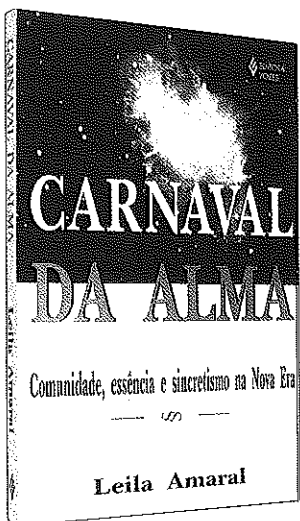
Por ser um animal que se distingue pela paciência e tenacidade com que vence os desafios, o jabuti foi escolhido para simbolizar a atividade dos escritores, editores, livreiros e gráficos brasileiros. Foi concebido em 1958, por Edgard Cavalheiro, então presidente da CBL; a estatuetta, porém, só foi criada um ano depois por iniciativa de Diaulas Rideel, sucessor de Cavalheiro. Concedido anualmente pela Câmara Brasileira do Livro, o Jabuti é atualmente o mais tradicional prêmio literário brasileiro.

Prêmio Jabuti 2001 - Categoria Religião*

1º lugar

CARNAVAL DA ALMA

Comunidade, essência e sincretismo na Nova Era
Leila Amaral
Editora Vozes

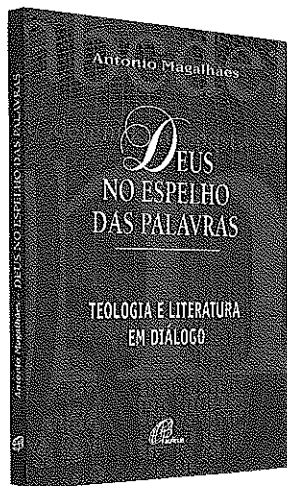


A chamada "Nova Era" se manifesta em vários setores da vida moderna, particularmente pela emergência de movimentos, seitas e religiões. A autora, num trabalho academicamente rigoroso e ao mesmo tempo escrito com um estilo convidativo, analisa as razões dessa tendência contestadora da modernidade, examinando os principais movimentos reconhecidos.

2º lugar

DEUS NO ESPELHO DAS PALAVRAS

Teologia e literatura em diálogo
Antonio Magalhães
Editora Paulinas

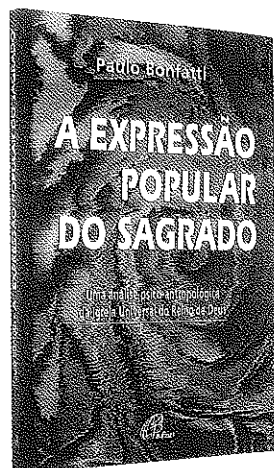


A importância da conexão entre literatura e teologia carece de trabalhos mais consistentes em língua portuguesa. O livro não só tem o mérito de um belo trabalho sobre a essência da palavra para as tradições bíblicas, como apresenta o assunto tabu de influência das escrituras na literatura ocidental.

3º lugar

A EXPRESSÃO POPULAR DO SAGRADO

Uma análise psico-antropológica da Igreja Universal do Reino de Deus
Paulo Bonfatti
Editora Paulinas



Este livro destaca-se pela abordagem interdisciplinar, propondo uma utilização dialogal e criativa de ferramentas das Ciências Sociais. Fundamentado em uma pesquisa bibliográfica apurada e articulada com trabalhos de campo – tendo sempre como referencial maior a visão dos fiéis e também dos dirigentes –, o autor busca compreender o mundo iurdiano através de seus fenômenos de conversão, exorcismo e cura. Além disso, aponta alguns aspectos psicológicos que contribuem para uma maior compreensão dos fenômenos de cura e de rendimentos da vida de seus membros.

CELEBRAR E FAZER O BEM - A DIALÉTICA DA SANTIDADE

UMA LEITURA DA DINÂMICA DA CARIDADE NA LITERATURA PATRÍSTICA

Pe. Dr. Antônio Sagrado Bogaz

PRESSUPOSTOS

A relação entre a ação litúrgica e a caridade na literatura patrística é muito fecunda. A veracidade sacramental e litúrgica é determinada não por ritos exteriores, mas pela reta intencionalidade e coerência entre intenção e prática. Colhemos o exemplo na relação de Jesus com o templo e sua crítica aos ritualismos exteriores. Nos tempos dos mártires, na Igreja primitiva, há a exigência imperativa de uma prática litúrgica que leve à prática do bem.

A vida litúrgica deve inspirar a transformação e fecundar a verdadeira Igreja de Jesus Cristo na construção contínua do Reino de Deus¹.

A literatura patrística é particularmente útil e necessária para devolver à pregação, à reflexão e à ritualidade cristã o hálito profético que sua inspiração bíblica exige².

Muitos textos patrísticos vão falar da importância da caridade com o próximo e da partilha dos bens. Os Padres da Igreja primitiva mostram que as celebrações geram práticas concretas de ação comunitária. A esmola e a

¹ Muitos estudos procuram aprofundar esta relação entre a liturgia e a vida nos escritos patrísticos. Podemos citar, por exemplo: Célébration, mystère du Christ et vie. *La Maison Dieu*, Paris, n. 106, 1971. Liturgia e Vita. *Rivista di Pastorale Liturgica*, n. 70, 1975. HAERING, B. *Existência Cristã e Liturgia*. São Paulo, 1992. (Dicionário de Liturgia) p. 436-441.

² I. CAMACHO; R. RINCON; G. HIGUERA. *Práxis cristã III: Opção pela justiça e pela liberdade*. São Paulo, 1988. p. 60.

* Textos de apresentação dos livros tirados de: Câmara Brasileira do Livro. Prêmio Jabuti 2001 (catálogo), p. 82-87.

partilha são atitudes que caracterizam o rosto do cristianismo perante a sociedade e aparecem unidas à profissão de fé³.

Assim, na teologia patrística, a fecundidade litúrgica possui uma forte expressão e nos ajuda a analisar a prática sacramental e celebrativa da nossa Igreja atual. Esta relação é tão profunda que aproxima a simbologia litúrgica da realidade existencial, a ponto de apresentar o testemunho do martírio, expressão máxima da caridade, como uma grande celebração eucarística.

A literatura patrística não conhece fronteiras entre o ato litúrgico e a própria vida dos fiéis, pois a liturgia está totalmente imersa na vida cotidiana e a vida de cada um se faz conteúdo celebrativo. Não se pode imaginar um serviço litúrgico sem uma relação de amor e responsabilidade para com o próximo⁴.

Esses elementos são analisados dentro dos métodos mistagógicos da patrística. É uma teologia litúrgica que elabora três momentos fundamentais da celebração: a escuta da palavra, a oração (ou a celebração ritual) e a partilha dos bens, que é expressão da "caridade cristã". Esses três momentos do viver cristão estão de tal modo interligados que não podem ser concebidos isoladamente. São três elementos que se complementam e se valorizam mutuamente. Produzem o equilíbrio e a harmonia do cristianismo, e expressam a identidade do convertido. A conversão é inspirada na palavra de Deus, celebrada na oração e no ritual e vivenciada na fraternidade comunitária. Assim, para viver

³ Alguns textos podem ser citados, pois com muita propriedade falam da necessidade de socorrer os necessitados como uma exigência intrínseca ao ser cristão. Alguns exemplos: CIPRIANO DE CARTAGO. *De opere et elemosynis* XV. (Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum III). p. 384; *Discurso a Diogneto*, (v. 13: Schar 33,64); JOÃO CRISÓSTOMO. In: *Ep. Ad Titum* 6,3 (Patrologiae Cursus Completus. Series Graeca 62). p. 698. Esse texto defende a oferta da esmola; dizendo que "a esmola é a mãe da caridade, daquela caridade que é o distintivo da religião cristã, que é maior que todos os sinais, por essa os discípulos de Cristo podem ser reconhecidos (...) e vem unido ao Corpo de Cristo".

⁴ Cf. HAHN F. *Il servizio liturgico nel cristianesimo primitivo*. Brescia, 1972. p. 67. O texto diz literalmente que "a fronteira do serviço litúrgico continua aberta sobre o mundo; não existe serviço litúrgico sem responsabilidade para com o próximo".

em fraternidade com a comunidade, é necessária a partilha generosa com os irmãos e uma contínua e crescente comunhão de vida⁵.

Na Igreja dos primeiros séculos, a catequese litúrgica aponta sempre e com insistência para a interação e interdependência entre a ação cotidiana e o gesto litúrgico. Para além dos métodos pontual, linear e panorâmico, explicitados sobretudo na tradição oriental, o método epiclético acentua sempre uma catequese que permite uma unidade entre a celebração e a vida, como fruto da inspiração do mesmo espírito.

O binômio liturgia-vida social é harmônico, pois une o culto aos conceitos de caridade, empenho de vida, justiça, esmola e socorro aos necessitados. A efetivação desse binômio será o termômetro da autenticidade das celebrações dos mistérios cristãos. A ceia dos pobres, a diaconia, o serviço eclesial, o ágape, as ofertas e as ceias da caridade mostram, na teologia patrística, o verdadeiro significado da celebração. A prática litúrgica e a ação de amor e justiça para com os mais necessitados representam a fidelidade à fé e à mensagem evangélica e se esboçam como possibilidades únicas de veracidade dos atos litúrgicos⁶.

Muitos são os escritos da Patrística que manifestam esta harmonia dialética entre a ação litúrgica e a prática do bem. Destacaremos a Didaqué e os escritos de Hipólito, Cipriano de Cartago e João Crisóstomo para que nos dêem uma síntese da teologia litúrgica patrística e sirvam de base para a análise dos documentos e rituais atuais.

Os Padres, preocupados com a autenticidade da fé, fornecem ricos elementos litúrgicos. Eles mostram que as celebrações dos rituais na Igreja, sem uma vivência em conformidade com a ética cristã, que as celebrações inspiram, explicitam e profetizam, não passam de gestos hipócritas que não produzem a graça salvífica. As celebrações podem mascarar e fantasiar a

⁵ Cf. BORI, P. C. *Chiesa Primitiva: L'immagine della comunità delle origini* (Atti 2,42; 4,32-37) nella storia della chiesa antica. Brescia, 1974.

⁶ Cf. HAMMAN, A. *Vita liturgica e vita sociale*. Milano, 1968. p. 13.

idéia que os rituais salvam por si mesmo. Portanto, não existem verdadeiros gestos litúrgicos isolados de uma vivência coerente da mensagem evangélica, que é a caridade.

1. CELEBRAR E PARTILHAR: DIDAQUÉ⁷

A Didaqué destaca o momento importante da celebração cristã, que deve ser marcado pela unidade da comunidade e ser refletido na vivência cristã posterior. Trata-se da celebração da ceia do Senhor ou fração do pão.

No capítulo IX, o texto mostra de que modo deve ser celebrada a eucaristia, suas orações principais e o sentido da unidade fraternal que deve emergir da celebração da ceia do Senhor.

Do mesmo modo como este pão partido foi semeado sobre as colinas e depois recolhido para se tornar um, assim também a tua Igreja seja reunida desde os confins da terra no teu reino, porque tua é a glória e o poder, por meio de Jesus Cristo para sempre⁸.

O primeiro sentido do texto é escatológico: unidade de todos os povos em nome de Jesus Cristo. Todos os cristãos devem antecipar este laço de união. O pão que se come deve ser o símbolo de união da Igreja, que aparece efetivamente dentro da "sinaxe" da comunidade local. E esta união local representa a busca de uma unidade universal, que tem sua simbologia no reino escatológico, que é a comunhão plena de todos em Jesus Cristo⁹.

⁷ *Didaqué* quer dizer instrução. Trata-se de um pequeno manual de orientações catequético, litúrgico e disciplinar utilizado pelos primeiros cristãos. Abre-se com a apresentação das duas vias: a da vida e da morte. J. Audet, um estudioso da liturgia da Igreja primitiva, afirma que este documento foi escrito por volta do ano 70 da era cristã, embora os estudiosos, em geral o datem entre os anos 90 e 100, na região da Síria ou da Palestina. ALTANER B.; STUIBER A. *Patrologia*. São Paulo: 1972. p. 91.

⁸ *Didaqué* IX,4

⁹ RORDORF W.; TUILIER A. *Liturgie, Foi et Vie des Premiers Chrétiens: Etudes Patristiques*. Paris, 1986. p. 46.

A ceia eucarística e a proclamação da palavra representam o ritual de unidade comunitária. Esse ritual deve ser protegido da profanação que é a hipocrisia: "não dêem as coisas santas aos cães"¹⁰. Os não batizados são proibidos de participar do culto. O ritual da eucaristia é a expressão da unidade. Assim, a celebração eucarística exige unidade universal: deve ser sinal da unidade entre todos os que participam deste ato sacramental. A metáfora "pão partido que fora semeado nas colinas e recolhido para ser um" representa todos os homens e mulheres que haviam sido espalhados em muitos recantos, em muitas culturas e muitas crenças e que devem ser unidos e congregados num único povo, numa única fé e num espírito fraternal.

A verdade da eucaristia está, de fato e fortemente, na unidade dos cristãos. Tal unidade não é limitada ao rito, mas estende-se à convivência e participação fraterna entre os bens e as necessidades de todos os irmãos celebrantes.

A Didaqué manifesta a necessidade da vivência fraterna ao revelar como deve ser o relacionamento dos participantes da comunidade cristã que celebra fecundamente a eucaristia:

Dê a quem te pede e não peça para devolver, pois o Pai quer que os teus bens sejam dados a todos. Feliz aquele que dá conforme o mandamento, porque será considerado inocente¹¹.

O documento patrístico mostra a consequência da fraternidade cristã: a partilha dos bens, em nome do Senhor. Mostra que Deus dá os bens para todos e aqueles que os têm como posse devem repartir entre todos, afinal os bens pertencem a Deus e nós somos seus administradores. Portanto, "toda

¹⁰ *Didaqué* IX,5. O texto do versículo completo escreve: "Ninguém coma, nem beba de vossa Eucaristia, se não estiver batizado em nome do Senhor. Pois a respeito dela disse o Senhor: Não deis as coisas santas aos cães". Esta citação é tirada de Mt 7,6. O próprio autor do texto reafirma a origem bíblica do texto, quando diz: "pois a respeito diz o Senhor". Igualmente o termo Igreja, conforme está no n. 4, pode ser compreendido como a assembléia dos participantes, quer dizer, todos os integrantes da comunidade que celebra a eucaristia, como ceia do Senhor.

¹¹ *Didaqué* I,5.

contribuição social deve reverter em benefício do bem comum e não em privilégio daqueles que manipulam a máquina social”¹². O necessitado, na comunidade cristã, torna-se um ponto de convergência da autenticidade da fé.

A unidade da comunidade manifesta esta igualdade expressa nos direitos comuns e na partilha: este é o princípio fundamental da celebração autêntica. O texto nos mostra a importância que a comunidade deve dar ao sacrifício para que ele seja verdadeiro. Trata-se da celebração dominical:

Reúnam-se no dia do Senhor para partir o pão e agradecer, depois de ter confessado os pecados, para que vosso sacrifício seja puro. Aquele que está de briga com seu companheiro, não poderá juntar-se a vós antes de se ter reconciliado, para que o sacrifício que vós oferecestes não seja profanado¹³.

A celebração da ceia do Senhor, sem uma autenticidade, definida pela paz entre todos os irmãos, não é agradável a Deus. O “elemento vivencial”, manifestado pela concórdia dos membros da comunidade é elemento constitutivo da celebração do sacrifício dominical. A eucaristia é a celebração da fraternidade. A carência da fraternidade é sua profanação. A comunidade está preocupada com os frutos concretos do seu culto, para que eles não sejam hipócritas.

Ao falar do tratamento entre o Senhor e o servo, o texto mostra que o projeto de Deus, para todos que participam dos mesmos rituais litúrgicos, é a igualdade, o respeito, e todos devem constituir as bases da grande família

¹² STORNIOLO I. *O catecismo dos primeiros cristãos para a Igreja de hoje*. São Paulo: Paulus, 1989. p. 9.

¹³ Didaqué XIV,1-2. A citação do número 2, é extraída de Mt 5,23-24, que assim expõe: “portanto, se fores até o altar para levar a tua oferta, e aí te lembrar de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a oferta aí diante do altar, e vá primeiro fazer as pazes com teu irmão; depois, volte para apresentar a tua oferta”. Está evidente a relação íntima entre o sacrifício do altar e a paz, neste texto bíblico. Igualmente a santificação do sacrifício eucarístico, na Didaqué, mostra a importância da paz entre todos os irmãos, pois não se celebra uma eucaristia verdadeira onde há discórdia.

humana. Professa-se uma fé, assume-se uma prática e apresenta-se esta unidade como ato celebrativo: ao redor de Deus, uma comunidade de irmãos.

Há um apelo à solidariedade e à fraternidade dentro do texto, que mostra a força moral da catequese, relacionando-a com a celebração do batismo. É o apelo que se faz em favor dos necessitados:

Não expulsarás o necessitado, mas partilharás todas as coisas com teu irmão e não dirás que é coisa tua. De fato, se participas em comum dos bens imortais, quanto mais não deves fazer com os bens mortais¹⁴.

A ação caritativa forma a comunidade. Nas comunidades com problemas sociais, havia grande preocupação com a dignidade dos doentes, inválidos, órfãos e viúvas¹⁵.

A celebração litúrgica eleva a assistência aos necessitados, como aproximação do amor de Deus. A comunhão dos bens garante a verdadeira ação litúrgica, pois se todos partilham os bens da imortalidade, devem, com maior razão, partilhar os bens materiais.

2. SACRAMENTOS E CONVERSÃO: TRADIÇÃO APOSTÓLICA¹⁶

No texto que trata do catecumenato, preparação para o batismo, o autor deixa evidente a exortação de uma vida santa, conforme as exigências da fé cristã. Há, por isso, uma relação direta entre o sacramento do batismo e a vida cotidiana, pois ao lado da preparação doutrinal, cuida-se também para que haja

¹⁴ *Didaqué* IV,10.

¹⁵ MATTIOLI V. *La Didaché, dottrina dei dodici apostoli*. Roma, 1990. p. 76-77.

¹⁶ *A Tradição Apostólica* foi escrita em Roma, por volta de 215 a.C. e se encontra na Constituição da Igreja Egípcia, que possuímos em tradução latina (Verona cod. LV 53), nas línguas copta, árabe e etíope. O texto se divide em três partes: I. Descreve o Ritual das Ordenações e da Eucaristia; 2. Ritual do Batismo e 3. Prescrições diversas (comunhão dos doentes, jejum, ágape, assembléia matinal, sepultura, liturgia das horas

uma preparação real a partir do modo de viver, antes mesmo que o catecúmeno seja admitido à formação dos três anos de catequese. Ele deve renunciar a certas profissões e viver conforme os ensinamentos da comunidade cristã¹⁷. A seguir a pessoa é admitida à catequese, como poderemos atestar a seguir.

Após três anos de catequese, sua vida será novamente examinada: se vierem com dignidade enquanto catecúmenos, se honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se só praticaram boas ações¹⁸.

É notável a importância dada ao modo de viver daquele que deverá assumir o cristianismo como opção de vida. Esta exigência é inerente ao próprio ato batismal. Não se pode batizar sem que haja, de fato, uma conversão radical. Não basta conhecer o cristianismo teoricamente, pois este se apresenta como um projeto vivencial antes de ser um projeto doutrinal. Assim, podem-se notar três elementos importantes na opção cristã, a partir da Tradição Apostólica: um sistema de verdades reveladas, que se define como doutrina cristã; um modelo de vida, marcando uma ética cristã; e uma liturgia, onde o ritual conclui e assume em seu bojo a confissão de fé e o exercício da caridade.

Pensa-se, conforme a visão sociológica deste período, no amor profundo aos mais desprotegidos e sofridos. Há, portanto, uma preocupação com as viúvas porque representavam uma classe despersonalizada, já que o homem

e sinal da cruz). In: BERARDINO A. Di. *Basilio di Cesarea di Cappadocia*. Roma, 1983. p. 1791. A *Tradição Apostólica* é atribuída a Hipólito de Roma e dá orientações práticas sobre a vida pastoral, ético-moral e litúrgica da comunidade primitiva. Sendo uma obra essencialmente litúrgica, influenciou as práticas sacramentais e culturais das comunidades primitivas. Sua originalidade está nas condições ético-morais necessárias para a realização do culto.

¹⁷ Os trabalhos e profissões permitidos ou não permitidos para os que receberão o batismo estão elencadas no n. 16 da Tradição Apostólica. São, por exemplo, proibidos a manutenção de casa de prostituição, a escultura ou pintura de ídolos, a representação teatral, o gládio, o sacerdócio ou guarda de ídolos, as funções de soldado com poder de matar e de magistrado revestido de púrpura. Aparecem ainda outras profissões ou artes que não são condizentes com a opção da fé cristã.

¹⁸ *Tradição Apostólica* n. 20.

é o “chefe da família” e sem ele a mulher anulava-se socialmente. Há ainda a preocupação com os enfermos, pois os doentes são marginalizados por não poderem manter um trabalho fixo e possuir ganhos de subsistência.

O cristão tem um compromisso com a prática do bem. Sem este compromisso, não é possível falar em verdadeira opção cristã, definindo-se assim o cristianismo como uma opção ética fundamental.

Para receber o batismo, deve-se viver esta dimensão humanitária da fé. Trata-se de uma ação de caridade e uma conversão ao bem. A prática das boas ações faz parte das vidas dos novos convertidos. Aliás, sem a prática das boas ações é até mesmo difícil falar em verdadeira conversão. Converter-se a Jesus, o Cristo, certamente implica o convertido na vivência plena das boas obras. O cristão, mesmo antes de ser batizado, deve ser um agente do bem. Deve ser um militante da justiça na sociedade. E isso antes mesmo de receber a confirmação oficial de sua participação na comunidade dos convertidos. Portanto, o sacramento se une a uma vivência radical dos princípios evangélicos.

E isso deve continuar após o batismo, pois aquele que recebe o sacramento deve ser coerente com sua opção, apresentada na catequese catecumenal. Esse sacramento seria conseqüente, quer dizer, frutificaria a cada dia na vida do batizando, sem limites. Portanto, o batismo não se apresenta como um ato limitado, estático ou momentâneo, mas sua prática continua até o final da vida. O sacramento que ocorre em um momento se realiza de fato durante toda a vida.

O próprio texto da Tradição Apostólica mostra a importância de uma seqüência lógica nesta relação batismal. Como aparece descrito:

Após a cerimônia, apressem-se em praticar o bem, a agradar a Deus, a viver corretamente, pondo-se à disposição da Igreja, fazendo o que aprenderam e progredindo na piedade¹⁹.

¹⁹ *Ibid.* n. 21.

Podemos deduzir da Tradição Apostólica a necessidade radical da prática do bem e da vida reta, compreendendo como negativo o sacramento que não se deixa permear por esta realidade: a vivência radical da mensagem cristã. Assim, o sacramento exige, para que seja válido, uma coerência vivencial e uma conversão à justiça. Sem esses elementos, a celebração perde seu sentido. Trata-se de uma ação que, para ser verdadeira, tem de ser completa. E é completa quando se faz acompanhar da vivência cotidiana e da mensagem anunciada. E como a vivência se dá na sucessão de dias e na realização de gestos, determina-se que a ação litúrgica se complete na continuidade de sua vivência.

Este é o ensinamento fundamental que nós herdamos do texto de Hipólito de Roma. Sua prática nos mostra a importância de unificar a caridade e o culto integrante da fé cristã.

3. RITUAL E UNIDADE COMUNITÁRIA: CIPRIANO DE CARTAGO²⁰

Analisaremos alguns textos de Cipriano que nos mostram seu engajamento eclesial e sua perspectiva pastoral. Isso nos permitirá colher uma visão peculiar de sua teologia litúrgica. Ele nos mostra que não tem nenhum sentido qualquer rito na Igreja, se não houver um empenho destemido e corajoso na vida de cada dia.

²⁰ No dizer de P. MONCEAUX, Cipriano "foi uma das mais belas figuras de bispo que nos apresenta a história do cristianismo". Nascido entre 200 e 210, certamente em Cartago, era de uma família nobre, o que lhe possibilitou uma formação muito elevada. Assim, após três anos de sua conversão, foi eleito bispo de Cartago (ano 245). Cf. *Historie Littéraire de l'Afrique Chrétienne*. v. V/1. 1980. (Dizionario Patristico e di Antichità Christiana). p. 678. Cipriano de Cartago foi mártir da Igreja africana, por sua coragem e testemunho em favor do seu povo. São cinco os pontos fundamentais que levam ao reconhecimento da sua vida e obra: 1. A pobreza e a caridade como leis da busca de Deus; 2. A santidade de vida cristã, que o levou ao sacerdócio três anos após sua conversão (provavelmente 245); 3. A unanimidade do povo em sua eleição, como um serviço em prol de Cartago, por ocasião da peste na cidade, tornando-se um defensor *civitalis*; 4. A aceitação do martírio como testemunho de sua opção radical por Jesus Cristo.

Cipriano lembra a necessidade de recuperar a unidade da Igreja, retomando a noção de comunidade presente na Igreja primitiva. E os sacramentos devem expressar esta unidade entre todo o grupo. Ele assim descreve:

Sem dúvida, entre nós esta unidade decaiu tanto, que também ficou reduzida à amplitude de nossas obras. Naquela época, vendiam suas casas e terrenos, acumulando para si um tesouro no céu e ofereciam o dinheiro aos apóstolos a fim de que o distribuíssem aos pobres²¹.

Cipriano lamenta a realidade na qual se encontra a sua comunidade. Está lamentando porque a fé dos participantes da comunidade não gera mais a fraternidade e assim a Igreja perde a sua unidade. É lamentável, para Cipriano, que se tenha enfraquecido a fé dos participantes do culto e não se forme mais uma verdadeira comunidade. Assim, o grupo celebrante deixou de ser o espaço de vivência e de concretização da verdadeira fé, professada por todos, em Cristo Jesus.

Segundo Cipriano, a conversão a Jesus Cristo está ligada veementemente a um modelo de vida de confraternização comunitária. Não pode existir verdadeira fé e verdadeira conversão sem a partilha dos bens na comunidade.

Isso se completa com outro texto de Cipriano, que mostra a relação intrínseca entre a conversão a Cristo e a vivência da caridade. Podemos assim ler, em seu escrito, sobre a oração dominical:

Cristo nos deu a sua paz, nos prescreveu de ser um só coração e uma só alma, nos recomendou de conservar íntegros e inviolados os ligames do amor e da caridade; portanto não poderá ser mártir aquele que não observa a caridade fraterna... essa existirá, de fato, sempre no Reino. Essa permanecerá eternamente, para a unidade dos irmãos unidos²².

Existem dois elementos que preocupam mais Cipriano: a unidade da Igreja e a caridade fraterna. Sua preocupação com essas virtudes da comu-

²¹ *De unitate ecclesiae*, XXVI (Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum III). p. 232.

²² *De oratione dominica*, XVI. (Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum III). p. 223.

nidade é tão forte, que ele condiciona a veracidade da comunidade a tais elementos. Não existe nem pode existir uma comunidade verdadeira sem que haja uma união verdadeira na qual todos unidos volvam os olhos e o coração para os mais necessitados. Praticar a caridade fraterna, que quer dizer repartir os bens e atender os mais necessitados, é um tema central no pensamento de Cipriano.

De fato, a relação dos atos litúrgicos com a vida é tão incisiva que, mesmo para a reunião dominical, para as práticas de piedade e para os ritos comunitários, é necessária a participação e a comunhão na caridade.

Toda ação litúrgica exige uma solidariedade entre os que celebram a mesma fé no único Senhor. Deixa-se de existir individualmente para se fazer parte e enriquecer o corpo místico, onde todos comungam os mesmos ideais e devem viver como irmãos. Eis o fundamental da relação harmônica e plena com todos os membros da comunidade.

A teologia da celebração eucarística é tida como a manifestação mais genuína da fé cristã. Cipriano mostra a importância da premissa essencial do ato litúrgico eucarístico: a comunhão fraterna. Sem a comunhão entre os presentes e os ausentes, a eucaristia diminui seu valor litúrgico e sua teologia fica deteriorada. Portanto, existem, como podemos ver, algumas condições anteriores.

A Deus não agrada o sacrifício daqueles que se comprazem nos dissídios; Ele os pede para voltar do altar e exige que, antes de fazer a oferta, se reconciliem com os irmãos, porque Ele não se deixa aplacar senão pelas orações daqueles que amam a paz. O amor sacrifício, de fato, que nós podemos oferecer a Deus é a nossa paz, é a nossa concórdia fraterna, é a assembléia do povo reunido em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo²³.

Este texto nos mostra toda a relação dos sacrifícios queridos por Deus com a necessidade de viver em paz com os irmãos. Está dentro do apelo que

Jesus fez a todos aqueles que deveriam apresentar sua oferenda no altar. E se houvesse em qualquer lugar alguém em dissídio, deveria voltar e, antes de fazer a oferta, reconciliar-se com os irmãos. Assim, Deus define qual é o sacrifício que lhe agrada: aquele que parte de uma comunidade que vive em fraternidade, que não está em desavenças, que procura viver como irmãos, dentro e fora do culto, pois o culto e a sua continuidade fazem parte de um todo que é o louvor a Deus. Nem todo sacrifício agrada a Deus e nenhum sacrifício lhe agrada mais do que a paz que deve existir na comunidade. A paz vivida na comunidade é, de fato, o sacrifício mais elevado e mais agradável. A concórdia fraterna da comunidade é seu valor maior e nada pode substituí-lo. Assim, não é o sangue dos cordeiros, a oração dos Salmos ou a presença dos símbolos sacramentais que vão agradar a Deus. Se não houver uma comunidade verdadeira, sua oferta será repudiada. Há uma coligação da ação eucarística com a participação nos bens temporais. Mostra-se a preocupação com os menos favorecidos, os pobres, pois toda comunidade deve mostrar solidariedade com os mais necessitados.

Cipriano de Cartago mostra que a celebração litúrgica impõe algumas condições: ser participada por todos os batizados com fé e com convicção, ser ligada com a vida e não representar um momento “entre parênteses” dentro da realidade e, por fim, ter uma solidariedade e um encontro fundamental com o irmão, sobretudo o mais pobre, renegado e sofrido da comunidade. Todo ato litúrgico deve abrir o espírito para o irmão, pois validade sem fecundidade é renegação do próprio ritual. Mesmo que todo sacramento comece na vida e passe pelo ritual, ele só poderá edificar-se na vida.

4. CELEBRAR E SERVIR AOS POBRES: JOÃO CRISÓSTOMO²⁴

João Crisóstomo foi um grande pregador. Quando estava no púlpito se revelava um grande orador, embora nas relações oficiais muito tímido e reser-

²⁴ João Crisóstomo nasceu em Antioquia em 354. Foi conhecido como “boca de ouro” por sua pregação nobre. Retirou-se para a vida ascética. Escreveu o tratado sobre a Virgindade e sobre o Sacerdócio. Mais tarde, como sacerdote (eleito e ordenado em

²³ *Ibid.* p. 285.

vado. E sua pregação colocava toda a razão da fé e da liturgia em favor dos irmãos, quando afirmava que se um cristão fosse inútil para o próximo, ele nada teria de grande. Buscou um cristianismo comprometido com a realidade e sem conivência com os poderosos.

João Crisóstomo, como grande pregador voltado para a fecundidade e plenitude do cristianismo, deixou-nos testemunhos que mostram a necessidade da realização de ações litúrgicas fecundas e dinâmicas, nas quais os ritos se completam com uma vida harmoniosa. O celebrar exige dos cristãos comprometidos com a fé, a partilha de bens:

Para nós é muito mais indicada a comunhão de bens. Além disto, esta instituição também é mais conforme com a natureza²⁵.

Ser cristão implica na partilha ou comunhão dos bens e exige o uso social das riquezas e bens possuídos. É uma imposição da caridade e da justiça, necessárias aos cristãos. Todo cristão tem um compromisso com os irmãos e ninguém pode negar-se ao seu próprio ofertório social. No entender de João Crisóstomo, a partilha é elemento constitutivo da natureza dos bens, que foram criados indistintamente para servir a toda a humanidade.

João Crisóstomo mostra a dimensão empenhativa da ação litúrgica: deve expressar unidade, justiça e caridade entre todos os membros. Exige-se que haja ressonância na vida cotidiana e uma busca contínua para aprofundar o mistério na realidade humana. Sem o compromisso da frutuosidade, que deve ser gerado pela celebração sacramental, os mistérios celebrados tornam-se inócuos.

Antioquia, no ano de 386, pelo bispo Flaviano) manifestou grande apreço pela pregação e pela palavra de Deus. Escreveu uma série de Sermões sobre a Incompreensibilidade de Deus, Questão das Estátuas. Pregou sobre o Novo Testamento e Série de Catequese Batismais. Foi eleito bispo de Constantinopla em 397 e feito prisioneiro em 404, quando foi deposto de sua sede episcopal e exilado para Nicéia e depois para Cúrcuso, na Armênia. Lá escreveu a *Carta de Exílio* e a *Carta sobre a Providência*. In: FIGUEIREDO F. A. *Curso de Teologia Patrística III: a vida da Igreja Primitiva* (Séculos IV e V). Petrópolis: Vozes, 1990. p. 83-84.

²⁵ JOÃO CRISÓSTOMO. *Ep ad Tim* 12,4 (Patrologia Grega 62). p. 564, a partir de CAMACHO I.; RINCON R.; HIGUERA G. *Práxis Cristã III: opção pela justiça e pela liberdade*. São Paulo, 1988. p. 60.

(...) nem o batismo, nem a remissão dos pecados, nem o conhecimento ou a participação dos mistérios, nem a mesa sagrada, nem a comunhão ao corpo e ao sangue do Senhor, nem qualquer outra coisa nos poderá ser motivo de alegria, se não conduzirem a uma vida reta, digna de admiração e livre de todo pecado²⁶.

Nesta sua teologia do Novo Testamento, confirma a relatividade dos rituais. Eles só são verdadeiros se trouxerem alegria e proporcionarem a transformação da própria vida. Elencando os sacramentos do batismo, eucaristia e penitência (que em seu tempo era uma prática habitual), declara que eles não são eficazes, se não forem acompanhados de uma vida reta e digna de admiração. De nada serve a celebração dos sacramentos na vida do cristão e da comunidade, se não se fazem acompanhar por um estilo de vida conforme a ética cristã evangélica. É inútil celebrar, sem que haja um modelo de vida que testemunhe retidão, amor à justiça e caridade com os que sofrem.

A celebração fecunda, segundo João Crisóstomo, leva à construção da paz. Pela participação à mesa, o cristão se compromete em ser na vida social um artífice da paz, especialmente em tempos nos quais a paz e a concórdia estão ausentes da comunidade:

Não digo somente paz no sentido comum desta palavra. Nem mesmo aquela paz que consiste na comunhão da mesa, mas a paz segundo Deus, que nasce de uma concórdia de espíritos e que muitos, em nossos dias, destroem²⁷.

A grande questão colocada por João Crisóstomo, nessa citação, é sobre a importância da comunhão da mesa, quer dizer, a participação comum na celebração da ceia do Senhor. Neste momento, todos participam com alegria, com entusiasmo e com espírito pacífico. No entanto, hipocritamente, nada se realiza depois na vida cotidiana. Aqueles mesmos participantes da "mesa da ceia" são os que espalharão cizânia, provocando desunião na comunidade. Não tem nenhuma importância a celebração eucarística, se não houver um

²⁶ JOÃO CRISÓSTOMO. *Oportet Haereses esse in Vobis* (...). In: *dictum Pauli*. (Patrologia Grega 51) p. 250.

²⁷ *Adversus Judaeos* 3,6. (Patrologia Grega 48) p. 870.

compromisso de viver como irmãos. Assim, aqueles que celebram a ceia, mas depois geram a desunião são denominados, como nos evangelhos, sepulcros caiados: mostram uma aparência fraterna, mas semeiam a divisão e caluniam seus companheiros de comunidade. Podemos compreender este estado de espírito, se pensarmos em todas as acusações e denúncias falsas das quais foi vítima o próprio João Crisóstomo²⁸.

No entanto, o elemento que João Crisóstomo mais destaca para a relação entre liturgia e vida é a abertura do coração para as necessidades da comunidade: solidariedade com o sofrimento dos mais pobres. Essa postura dá veracidade aos atos litúrgicos.

Seria um escândalo honrar o corpo de Cristo na Igreja, com estofas de seda e permitir que ele quase morra de sede ou nudez. Aquele que disse: "este é meu corpo", disse também: "me vistes com fome e não me destes de comer". Que vantagem pode ter Cristo em ver a sua mesa coberta de vasos de ouro, enquanto ele mesmo morre de fome na pessoa dos pobres²⁹.

Vemos o apelo de João Crisóstomo suplicando por coerência entre os dois momentos da vida do cristão: a celebração do mistério da eucaristia e

²⁸ F. A Figueiredo. *op. cit.* p. 90. Aconteceu um grande desentendimento na comunidade de Constantinopla que levou, inclusive, João Crisóstomo ao exílio. Num sermão ele pede que se perdoem o ex-ministro da comunidade, Eutrópico, com base no texto do Eclesiástico (Ecl 1,2): "se vós pedis que este homem seja punido pelos crimes que cometeu contra vós, como podereis tomar parte nos mistérios. Como podereis pronunciar esta prece que prescreve dizer: perdoai as nossas culpas assim como nós perdoamos aos que nos têm ofendido? Este homem vos prodigalizou injustiças e ultrajes? Não queremos discordar. No entanto, não estamos em tempo de justiça, mas de piedade; não é hora de prestar contas (severas), mas de clemência; não é hora do exame, mas do perdão; não é hora da sentença e do julgamento, mas da compaixão e indulgência. Nada de furor, de ódios, mas sim rezemos ao Deus de clemência para ajudá-lo em seus dias, arrancá-lo do suplício que o ameaça". Nesta citação fica evidente o espírito de João Crisóstomo: se não temos caridade e não perdoamos e lutamos pela paz, de modo algum podemos tomar parte nos mistérios. Vale dizer que sem uma vida marcada pelo perdão e pela paz, os mistérios (principalmente na eucaristia, mas também em todos os demais ritos do mistério cristãos) são renegados em nossa liturgia e nós não os devemos celebrar.

²⁹ Hom, in Mat. 50,39. (Patrologia Grega 58) p. 508.

depois o serviço da caridade para com os mais pobres. Sua grande preocupação está na diferença entre um altar preparado para eucaristia e a pobreza de uma mesa de um irmão pobre. Enquanto o altar exhibe sedas e vaso de ouro, o pobre passa fome e não é socorrido pela comunidade. Este texto faz lembrar os textos clássicos do Antigo Testamento, nos quais os profetas mostram o desdém de Javé para com os sacrifícios sacerdotais, plenos de riqueza, de exteriorização, mas que mascaravam uma injustiça desconcertante, que negava a importância do próprio ritual³⁰. De nada serve todo ritual dentro do templo, se não houver justiça na vida da comunidade. Tanta miséria entre os irmãos não se apaga com sacrifícios suntuosos.

Elevamos, a partir de João Crisóstomo, a continuidade entre a mesa da celebração no templo e a mesa da refeição na casa. A mesa do templo deve refletir a mesa do lar da comunidade. O altar, seu pão partilhado e seus bens, são a inspiração para a partilha entre os irmãos e deve levar toda a comunidade a volver o olhar para a mesa do pobre.

Um sacrifício que não se completa na vida dos irmãos, sobretudo na daqueles que "não têm o que comer" é um sacrifício hipócrita. O sacramento advindo de uma comunidade desigual, dividida e que não ama os seus pobres, mas os deixa na penúria, é um sacrifício mentiroso e incompleto. Mais gritante ainda é quando os vasos e vestes do templo e do altar, que realizam um culto luxuoso, são uma afronta ao pobre que é usurpado de seus bens. O verdadeiro sacrifício é a síntese dos ritos e da vida de seus celebrantes. João Crisóstomo demonstra, assim, a dimensão social da eucaristia:

Muito bem, desta lei ou costume (desprendimento dos primeiros cristãos) veio a estabelecer-se nas igrejas de então, uma prática maravilhosa: reunidos todos os fiéis, após ouvir a palavra divina, após as orações e a comunhão dos mistérios, terminada a reunião litúrgica, não

³⁰ Alguns exemplos desta teologia podem ser encontrados em Sl 140,2 (a exigência da oração como substituição do incenso) e Ecl 4,14 (a verdadeira liturgia é o culto da sabedoria) e Mq 6,1-8 (Deus renega o bezerro do sacrifício e pede o verdadeiro sacrifício que é caminhar em seus mandamentos e amar os irmãos). Estes textos e muitos outros inspiram toda a crítica do culto inócuo, exigindo da comunidade uma coerência entre ritual e vida para que possam ser verdadeiros os cultos celebrados pela comunidade.

se retiravam imediatamente para a casa, mas os ricos, que haviam preparado comida, convidavam os pobres e punham uma mesa comum, realizavam uma refeição em comum na própria mesa comum a todos³¹.

A prática dos primeiros cristãos, que, como temos refletido, é fonte de inspiração para a vida dos cristãos ao longo dos séculos, é resgatada nesta citação, pois a ceia do Senhor é o impulso da fraternidade. Sem gerar a partilha dos bens, é falsa e pretensiosamente cristã a celebração da ceia do Senhor. Os que possuem bens, estão incondicionalmente vinculados ao serviço aos mais necessitados. A reunião litúrgica (no caso, a ceia do Senhor) está, nesta citação, vinculada à partilha dos bens da ceia com os mais pobres. A partilha dos alimentos é um elemento constituinte do ritual. A liturgia da palavra relaciona-se com a celebração dos mistérios (a memória da presença do Senhor e sua atualização) e leva à partilha dos bens trazidos ao altar. A mesa é comum, pois a comunidade é fraternidade, unida pela fé no único Senhor. Exige a partilha dos bens e a convivência cotidiana entre todos os irmãos.

Os atos litúrgicos ganham veracidade se continuados na prática posterior da comunidade. Ritual e vida compõem as duas partes fundamentais do ato de louvação, que é a finalidade definitiva do culto cristão.

**PARA CONCLUIR: FAZER O BEM SEMPRE,
O BEM A TODOS, NUNCA O MAL (Dom Orione)**

A caminhada da teologia litúrgica na vida da Igreja mostra bem como em seu princípio há uma grande harmonia entre o ideal bíblico e a mensagem revelada pelo próprio Cristo. Procuramos analisar alguns textos, certamente os mais significativos, para mostrar a preocupação dos seus escritores com a vida comunitária. É fixo o ideal de que a celebração deve ser a manifestação da vida fraterna e solidária, bem como o espaço de sua crítica. Para os Padres, uma comunidade em conflito, patrocinadora de injustiças e de opressões jamais poderá celebrar verdadeiramente.

Os Padres da Igreja primitiva estão muito preocupados com a coerência da conversão cristã, que deve ser radical e que depois se manifestará no culto. Não existe verdadeiro culto se persistirem as injustiças e divisões.

Além disso, é evidente que tudo aquilo que se professa ou se simboliza no culto deve, necessariamente, ser vivido pela comunidade. Assim, "a partilha do pão" deve significar partilha dos bens, os títulos "irmãos, amigos, família" devem manifestar fraternidade, os substantivos como "caridade, amor, serviço" devem ser a expressão da solidariedade cotidiana. Sem esta equivalência, a celebração torna-se uma representação teatral de uma comunidade que não vive sua profissão de fé nem a ética cristã.

Alguns textos são muito imperativos, afirmando a invalidade do culto, com expressões fortes, como "de nada vale o culto (...)" ou "Deus não aceita (...)". São afirmações categóricas e radicais que mostram a necessária relação entre a vida e a celebração. Os mais pobres e os oprimidos representam a preocupação fundamental para que se pense num culto integrado com a realidade.

Os autores do período patrístico assumem a opção pelos pobres, a luta pela justiça e a declaração da opção de Deus pela vida e contra os ídolos da morte. Embora muitos cristãos relutem em aceitar esta teologia mais comprometida, que se manifesta numa liturgia mais expressiva e menos alienante, conforme os santos Padres analisados, a liturgia que se negar a ser expressão destes valores, estará negando a si mesma e não cumprirá os elementos de sua definição própria: a vida da comunidade em sintonia com a opção de Deus pela vida, transformada em louvor a Deus.

Deixam-nos uma lição, estes teólogos da patrística: é necessário transformar a realidade em Reino de Deus e somente assim, o culto será a manifestação verdadeira de uma comunidade que caminha nas trilhas de Deus, tão bem expressas nas mensagens evangélicas e tão bem assimiladas e atualizadas pelos textos patrísticos.

³¹ Oportet haereses esse in vobis (...). In: *dictum Pauli*. (Patrologia Grega 51) p. 256.